

Sistematização de experiências da Economia Solidária



Referenciais, etapas e ferramentas
para o processo de sistematização

Expediente

Cáritas Brasileira

Endereço: SGAN – Av. L2 Norte,
Quadra 601, Módulo F
CEP 70830-010 / Brasília (DF)
Site: www.caritas.org.br
E-mail: caritas@caritas.org.br
Telefone: +55-61-3521-0350
Fax: +55-61-3521-0377

Diretoria:

Presidente:

D. Flávio Giovenale

Vice-Presidente:

Anadete Gonçalves Reis

Diretor Secretário:

Pe. Evaldo Praça Ferreira

Diretor Tesoureiro:

Agnaldo Luiz de Lima

Coordenação Colegiada:

Diretora Executiva Nacional: Maria Cristina dos Anjos da Conceição

Coordenador: Jaime Conrado de Oliveira

Coordenador: Luiz Cláudio Mandela

Projeto Brasil Local Articulação Nacional

Ademar Bertucci

Vanda Maria Fernandes

Colaboração:

João de Jesus da Costa

Tauá Lourenço Pires

Projeto CFES Nacional

Ivette Tatiana Castilla

Rosana Kirsch

Assessoria: Domenico Corcione

Revisão: Vanice Araújo

Projeto gráfico e diagramação: Arte em Movimento | arteemmovimento.org

Ilustração: Jailson Lopes | Robson Lopes

Colorista: Beatriz Melo

Coordenação: Patrícia Antunes

Impressão: Cidade Gráfica

Tiragem: 2.000 unidades

Sistematização de experiências da Economia Solidária



Referenciais, etapas e ferramentas
para o processo de sistematização

ABRIL 2012



CÁRITAS BRASILEIRA
ORGANISMO DA CNBB



BRASILocal
DESENVOLVIMENTO E ECONOMIA SOLIDÁRIA



centro de
formação em
economia solidária
BRASIL



Apresentação

Quando falamos de sistematização de experiências voltadas para práticas de trabalho associado temos em vista a construção e o fortalecimento da Economia Solidária (ES). Como educadoras(es) e agentes de Economia Solidária, nosso trabalho precisa contribuir para esse objetivo, provocando nas(os) trabalhadoras(es) reflexões sobre seu trabalho, sobre mudanças e saberes originados a partir dele, bem como sobre as transformações necessárias na sociedade. O desafio que temos está em participar de maneira ativa dessa transformação, e não somente realizar mobilizações ou atividades formativas.

Uma preocupação presente no movimento de Economia Solidária está no fato de muitas vezes colocarmos mais ênfase no ativismo do que na reflexão. Nessa perspectiva, a sistematização apresenta-se como um instrumento de reapropriação crítica da realidade com o objetivo de transformação social. Quando os(as) trabalhadores(as)/educadores(as) não refletem sobre sua prática, alienam-se de seu processo de trabalho, deixam de perceber a singularidade dessa vivência e de relacionar a própria ação com o contexto em que estão inseridos(as).

Assim, consideramos de fundamental importância sistematizar as mais diversas experiências de Economia Solidária tanto aquelas que possuem uma longa história e caminhada quanto aquelas que estão dando os primeiros passos.

Este Caderno de Formação foca principalmente na importância de sistematizarmos as experiências que ocorrem a partir da dinâmica dos empreendimentos, mas também naquelas promovidas a partir de organizações de assessoria, de modo que se identifique quais as metodologias e perspectivas de educação estão sendo efetivamente consolidadas e como a ação do(a) educador(a)/agente vem contribuindo para o fortalecimento da Economia Solidária.

ECONOMIA SOLIDÁRIA



Além disso, este Caderno de Formação apresenta o que a Cáritas Brasileira construiu sobre sistematização de experiências em Economia Solidária nos diferentes âmbitos de sua atuação: nacional, regional, local. Sua ação junto ao movimento de economia solidária nos diferentes territórios brasileiros, sua experiência de mais de 50 anos no campo popular e, mais recentemente, o trabalho desenvolvido nos projetos Brasil Local e Centro Nacional de Formação em Economia Solidária (CFES). Foi a partir dos encontros e das reuniões das equipes desses dois projetos, realizados entre 2009 e 2011, que nasceu a ideia de publicação deste Caderno. Ambos os projetos são ações governamentais implementadas a partir da Cáritas Brasileira, que foi selecionada por edital público. O CFES Nacional iniciou suas atividades em 2009, tendo como objetivo formar educadores(as) da e para a Economia Solidária na perspectiva de fortalecer o projeto de sociedade justa, sustentável e solidária. E o Brasil Local é um projeto voltado para o desenvolvimento local, o fortalecimento comunitário e a geração de trabalho e renda por meio da economia solidária, tendo como fio condutor a atuação de Agentes de Desenvolvimento Solidário.

O Caderno se propõe a servir como instrumento de formação de educadores(as), agentes da economia solidária e lideranças comunitárias. Pretende contribuir com os próprios objetivos da sistematização: observar e analisar os processos vivenciados coletivamente, realimentar e favorecer o aprimoramento da prática social e seu potencial multiplicador e socializar novos conhecimentos por meio de várias linguagens.

Este Caderno não é algo acabado. Nascido de reflexões e experiências de sistematização, pretende contribuir para o aprofundamento do tema. Por isso, sugere, no decorrer de cada uma das cinco partes, um pequeno roteiro de reflexão e discussão, que pode servir de instrumento pedagógico para outros espaços formativos coletivos.

Esperamos que esse subsídio ajude a fazer conhecer e divulgar nossas experiências em economia solidária. Que o aprendizado de um grupo seja compartilhado com outro grupo e, deste, para outros ainda. E que nessa partilha de conhecimentos e práticas sempre seja colocado algo a “mais”, isto é, o novo conhecimento produzido por um novo coletivo.



Sumário

Apresentação	2
Economia Solidária: quem somos e o que estamos fazendo	5
Nossos referenciais	5
Nossos enfrentamentos e desafios	6
Concepção de sistematização de experiências	8
O que a sistematização tem a ver com as nossas práticas	9
A multidimensionalidade da sistematização: nossas motivações e referenciais	13
Multidimensionalidade da sistematização de experiências	13
Nossas motivações	14
Referenciais	15
Referenciais políticos	15
Fontes inspiradoras	16
Campos da sistematização	18
Etapas para sistematizar uma experiência em Economia Solidária	20
Elaborar o plano de sistematização	21
Realizar o trabalho de campo	23
Cuidados importantes no trabalho de campo	23
Interpretar a experiência: construindo e reconstruindo narrativas	25
Passagem dos registros para a 1ª narrativa	25
O processo de produção de várias narrativas	26
Comunicar e divulgar amplamente a experiência sistematizada	28
Instrumentos e ferramentas de apoio para a sistematização de experiências	29
Linha do tempo	30
O Mapa de Ideias ou Mapa Mental	32
Para que serve um Mapa Mental?	32
As principais características de um Mapa Mental	32
Como construir um Mapa Mental	33
Diário de campo e entrevista	35
Tabelas, planilhas e quadros demonstrativos	36
Iconografias	40
Mapa territorial	41
Concluindo: unidade na diversidade	44
Para saber mais sobre sistematização de experiências	46
Páginas na internet	47

Economia Solidária: quem somos e o que estamos fazendo

Nesta primeira parte do Caderno, explicitamos a concepção e os referenciais da sistematização que se firmaram ao longo da trajetória da Economia Solidária e foram assumidos também pelos projetos Brasil Local e CFES Nacional.

Para isso, partiremos dos referenciais e da nossa identidade, contextualizada nos desafios da sociedade em que vivemos. Dessa forma, ficarão mais claros o significado e a importância da sistematização, seus objetivos e o papel que é chamada a desempenhar em nossa ação enquanto educadoras(es) da Economia Solidária.

Nossos Referenciais

Fazemos parte de uma grande rede de Economia Solidária. Nessa rede, construímos nossas práticas e afirmamos nossas convicções. A concepção de sociedade que defendemos tem como centro as pessoas e a natureza, não o capital. Ressaltamos a solidariedade, a autogestão, a justiça social, a diversidade de opiniões. Além disso, reafirmamos a sustentabilidade como um novo paradigma de desenvolvimento. Lutamos pela construção de um mundo justo, onde todas(os) tenham direitos, acesso à educação e ao trabalho digno. Implementamos processos educativos que enfatizam a discussão de gênero e da reprodução da vida como parte da economia. Entendemos que precisamos refletir nossas ações desde cada um, de nossa casa, da comunidade, do coletivo. Trabalhamos pela construção de novas relações entre homens e mulheres nas práticas cotidianas, contrapondo a atual divisão sexual do trabalho. Reconhecendo e valorizando a pessoa como parte do processo produtivo e parte de outros processos de convivência e relações de respeito com a natureza.

Buscamos fortalecer a organização dos trabalhadores e trabalhadoras em torno de um projeto econômico-social e político que se fundamenta na valorização do trabalho autogestionário. Ao mesmo tempo que denunciemos a exploração do trabalho, criticamos a lógica capitalista, patriarcal, excludente e opressora que fragmenta o ser humano e divide a sociedade entre “compradores e vendedores” de força de trabalho. Desenvolvemos processos educativos que anunciam relações de poder igualitárias e fundamentadas na cooperação, autogestão e equidade das relações de gênero, construindo outra sociabilidade, outra sociedade, outra forma de produção da vida.

Acreditamos que a finalidade da atividade econômica está nas pessoas. Nesse sentido, os processos produtivos e educativos fundamentam-se no exercício prático da autogestão, contribuindo para que todos(as) as(os) envolvidos(as) possam resgatar os sentidos do trabalho, afirmando sua autonomia enquanto construtores(as) de história e de cultura. Nesta vivência da autogestão, visamos à superação da divisão entre patrão e empregado, entre um que manda e outro que obedece.

**COOPERAÇÃO E
AUTOGESTÃO**



Nas últimas décadas, vivenciamos uma enorme diversidade de experiências, espalhadas de norte a sul do Brasil. São múltiplas práticas, interligadas, que se inspiram nos povos tradicionais, nas comunidades indígenas e quilombolas, que se organizam em ações integradas de produção e comercialização, cadeias produtivas, feiras e fundos solidários, bancos comunitários. Trata-se, afinal, de uma grande rede, pela qual se promove uma imensa variedade de experiências que se articulam e se multiplicam.

Nossos Enfrentamentos e Desafios

Na sociedade em que vivemos, as ideias dominantes continuam sendo as ideias da classe dominante, como dizia “o velho Marx”.

Os grandes meios de comunicação e os costumes arraigados nas práticas do dia a dia da maioria da população – e até no meio da gente – nos confundem. Às vezes nos passam a impressão de que jornais, TV e revistas de maior circulação estão falando as mesmas coisas nas quais a gente acredita.

Uma análise atenta nos faz descobrir que nosso projeto é outro, que estamos falando e fazendo coisas bem diferentes. Apostamos no Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial (DSS-T) como um processo endógeno de mobilização de forças populares e de potencialidades econômicas locais, com a finalidade de implementação de mudanças que proporcionem a elevação das condições de vida da população local, em harmonia com o meio ambiente e com a participação ativa e solidária da sociedade em autogestão. Ao mesmo tempo, estamos atentos(as) aos desafios para além do território, para os grandes impactos da globalização capitalista.

Conscientemente, rejeitamos:

- Valores que consideram o ter acima do ser.
- Interesses individuais priorizados sobre os sociais e coletivos.
- O lucro, colocado em primeiro lugar.
- As “boas aparências” procuradas obsessivamente.
- Novas necessidades, criadas artificialmente.



EQUIDADE NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Nossas práticas e lutas por uma Economia Solidária e por um projeto de desenvolvimento sustentável são suficientemente reconhecidas, mas muitas vezes são esquecidas ou eliminadas da história oficial. Como diria Chico Buarque, “nossa dor não sai no jornal”. Quando divulgadas, muitas vezes, nossas experiências não são interpretadas pela visão dos companheiros e companheiras que as vivenciaram.

A sistematização tem a ver com tudo isso. Vamos tentar explicar melhor, a seguir.

Para refletir e debater em grupo:

- **Como percebemos nas nossas práticas – individuais e coletivas – que estamos fazendo Economia Solidária?**
- **Quais as nossas estratégias para afirmar a Economia Solidária e diferenciá-la de outras propostas, como o empreendedorismo, por exemplo?**
- **Quais dificuldades encontramos ao fazer a Economia Solidária?**
- **Como manter viva a memória das práticas de Economia Solidária?**
- **O que tudo isso tem a ver com a necessidade de sistematizar as experiências que estamos vivenciando?**



Concepção de sistematização de experiências

A sistematização é herdeira de todo o acúmulo construído ao longo da trajetória histórica da educação popular na América Latina. Paulo Freire – um dos grandes educadores brasileiros desta longa caminhada – dizia que “mais vale uma única experiência avaliada e sistematizada do que mil ações nunca analisadas e reinterpretadas criticamente”. Essa afirmação nos faz compreender melhor que:

a sistematização nos ajuda a refletir de forma crítica sobre o que estamos fazendo, nos fortalece na luta e nos realimenta com nossos grandes referenciais de mudança.



O que a sistematização tem a ver com as nossas práticas

A sistematização é um poderoso instrumento do qual precisamos para:

- **Manter viva a memória** de nossas práticas de Economia Solidária.
- **Explicitar nosso olhar sobre a sociedade, o mundo e a vida**, a partir da recuperação e interpretação crítica das experiências que vivenciamos.
- **Dar um novo sentido às práticas sociais** que estamos vivenciando, de modo que possamos enfatizar: o que estamos aprendendo com elas; em que elas se diferenciam das ideias e das práticas dominantes; em quais valores acreditamos; e quais mudanças queremos implementar.
- **Rever e redirecionar nossas práticas**, à medida que descobrimos que ainda não superamos a ideologia dominante e não conseguimos ser coerentes com nossas crenças e valores.
- **Evidenciar e enfatizar os valores em que acreditamos, bem como novos conhecimentos e saberes**, em contraposição aos conhecimentos e saberes que ainda predominam em nossa sociedade.

Tudo isso tem a ver também com o que fazemos, sentimos, produzimos, trocamos e compartilhamos em Economia Solidária.

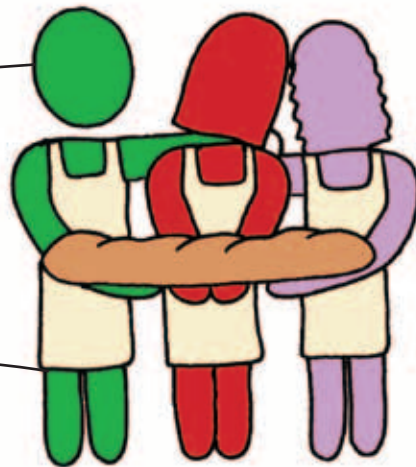
Qualquer experiência de economia solidária expressa sempre muito mais do que possa aparentar à primeira vista. Por exemplo, quem observar – de fora – a experiência de padarias comunitárias de Curitiba, integrada à Rede da Economia Solidária, **poderá ser levado a crer que se trata apenas de um mecanismo de busca por sobrevivência**, criado por mulheres, que foi se multiplicando cada vez mais por meio de novos grupos. Mas não é somente isso que se descobre numa recente narrativa de sistematização dessa experiência, que foi elaborada no projeto Brasil Local. Nela **aparecem outras dimensões e valores**:

***a dimensão de gênero,
pela qual as mulheres foram se assumindo
enquanto protagonistas de seu próprio desenvolvimento;
o valor da solidariedade;
o crescimento em autoestima;
a capacidade organizativa e articuladora;
a nova relação entre produção e consumo...
Outros conhecimentos e saberes...***



Afinal, a narrativa de sistematização da experiência de padarias comunitárias das mulheres foi elaborada por elas para conferir àquela experiência **um significado novo**, que não estava evidenciado antes da própria sistematização nem se confunde com os falsos valores da sociedade de consumo onde vivemos. Desta forma, a narrativa da experiência – por estar expressando valores e crenças inovadores – **trouxe novos conhecimentos e saberes**:

***o “saber fazer o pão”
de forma diferente da grande maioria das padarias
onde compramos nosso pão de cada dia;
as “receitas” que não fabricam apenas bolos ou
doces especiais e apetitosos,
mas vidas vividas intensamente,
em solidariedade e comunhão...***



Nessa mesma narrativa de sistematização, podemos encontrar vários depoimentos de mulheres, confirmando o que dissemos anteriormente:

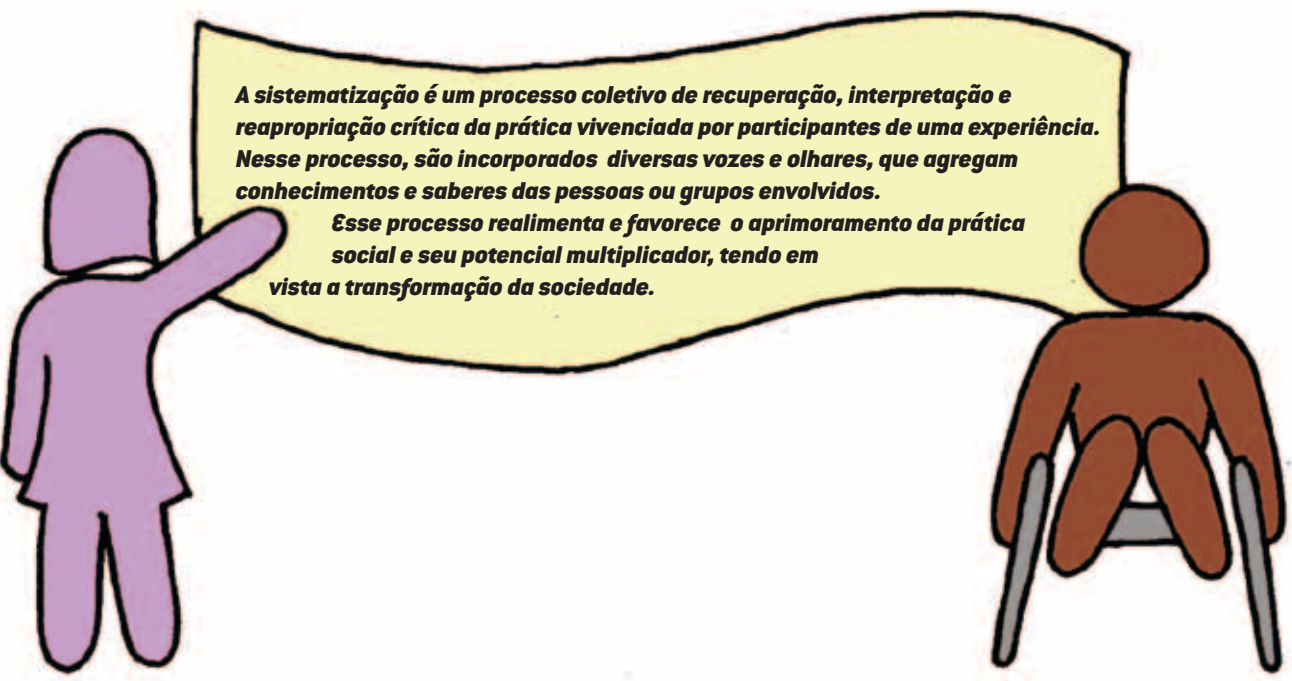


***“Sentimos a aceitação do povo
em nossa comunidade.
Isso faz a diferença,
porque as pessoas tem a preferência pelos
nossos produtos.”***

Dautina Rodrigues da Silva, apoiadora da Padaria Comunitária Nossa Senhora Auxiliadora, disse:

***“Trabalho há 12 anos na Padaria Comunitária.
Sinto-me em família.
Lutamos juntas, sofremos juntas
e levamos a luta adiante.”***

A partir de tudo o que refletimos anteriormente, fica mais fácil compreendermos a concepção compartilhada de sistematização que foi se firmando no decorrer dos processos de discussão no projeto Brasil Local e nas atividades do CFES. Em síntese, essa concepção poderia ser assim traduzida:



A sistematização é um processo coletivo de recuperação, interpretação e reapropriação crítica da prática vivenciada por participantes de uma experiência. Nesse processo, são incorporados diversas vozes e olhares, que agregam conhecimentos e saberes das pessoas ou grupos envolvidos.

Esse processo realimenta e favorece o aprimoramento da prática social e seu potencial multiplicador, tendo em vista a transformação da sociedade.

Para refletir e debater em grupo:

Dinâmica “Concorda/Discorda? Por quê?”: Formar grupos de até quatro pessoas. Cada grupo debate as três frases abaixo e decide se concorda ou se discorda com cada uma delas. O grupo deve elaborar argumentações sobre seu posicionamento. Depois se confrontam as respostas e opiniões dos grupos:

- **A sistematização é o resgate crítico da trajetória de uma experiência, feito com muito profissionalismo e fidelidade por alguém, para um grupo que a tenha vivenciado e que pretenda publicá-la amplamente.**
- **A sistematização pode ajudar a refletir de forma crítica sobre o que estamos fazendo, fortalecer a luta e realimentar nossos referenciais de transformação social.**



Para conversar em grupo:

- Conhece alguma experiência que foi sistematizada? Qual?**
- O que o grupo sabe sobre a sistematização realizada?**
- Quais as descobertas feitas durante o processo de sistematização?**

A multidimensionalidade da sistematização: nossas motivações e referenciais

Nesta terceira parte do Caderno, resgataremos as várias dimensões da sistematização e o que pode nos motivar a fazê-la. Em seguida, abordaremos alguns importantes referenciais de caráter político e os campos da sistematização.

Multidimensionalidade da sistematização de experiências

A sistematização é constituída de várias dimensões:

- Contém como tema central a produção de conhecimentos e sentidos: reconstruir, interpretar, teorizar, ressignificar.
- Implica em comunicar e socializar com outros(as) o conhecimento gerado.
- Tem o caráter de experiência pedagógica para quem dela participa: formação e autoformação.
- Contribui para potencializar e/ou ressignificar a prática sistematizada: consolidação de práticas consideradas bem-sucedidas ou que estejam enfrentando dificuldades, redefinição de estratégias de trabalho.

São todas dimensões inter-relacionadas, que se desenvolvem no decorrer da sistematização, enfatizando ora um aspecto, ora outro.



Nossas motivações

Entendemos que o que nos leva a sistematizar experiências é a possibilidade de:

- Registrar e resgatar a trajetória da experiência, para compreender melhor e aprimorar nossa própria prática.
- Valorizar e potencializar a identidade do coletivo e os saberes tradicionais.
- Extrair ensinamentos da experiência, compartilhá-los, de modo que se fortaleça seu potencial multiplicador.
- Servir de base para processos de teorização sobre a prática vivenciada, considerando a relação ação-reflexão-ação.
- Contribuir para fortalecer a autogestão dos grupos das organizações, favorecendo – inclusive – uma melhor compreensão do papel de cada pessoa envolvida.
- Identificar no aprendizado extraído da experiência não somente os aspectos positivos, mas, sobretudo, os desafios, entraves, tensões e contradições, facilitando a identificação de respostas e soluções adequadas.
- Favorecer uma maior participação do poder popular nos momentos de gestão e uma melhor incidência em políticas públicas.

De forma mais geral, o que nos motiva é a construção coletiva de conhecimentos e saberes que – dando continuidade à trajetória da Educação Popular na Economia Solidária – consolidam a convicção de que “uma outra economia já acontece”. Assim como nos auxiliam na busca de uma sociedade sustentável: outro mundo é possível!



Referenciais

Podemos distinguir nossos referenciais em políticos, fontes inspiradoras e campos da sistematização. Apresentamos abaixo uma breve reflexão sobre esse tema com o objetivo de que cada educador(a) busque ampliar suas leituras ou conhecê-lo um pouco mais.



Projeto Político Pedagógico da Economia Solidária

Referenciais Políticos

Encontramos referenciais políticos, com os quais nos afinamos, nos documentos das Conferências de Economia Solidária, Plenárias e Oficinas Nacionais de Formação em Economia Solidária e a Carta de Princípios do FBES.

Outro referencial político é o Projeto Político-Pedagógico da Economia Solidária, que está em elaboração pelo projeto CFES. Esse documento, elaborado em diversos encontros de educadores(as) realizados pelo país, de 2009 a 2012, apresenta a concepção de sociedade e de educação que está sendo construída a partir da economia solidária. É um instrumento teórico-metodológico que contém princípios, diretrizes e propostas de ação, a fim de contribuir para a reflexão, organização, sistematização e resignificação das atividades desenvolvidas nos espaços educativos, orientando e fundamentando um conjunto de ações pedagógicas.

Nesse documento, afirmamos a Pedagogia da Autogestão, que em processo de gestação vem se construindo por meio das práticas educativas que ocorrem no espaço do trabalho autogestionário. Uma pedagogia baseada na produção de conhecimentos a partir das práticas, dos estudos, da partilha e da elaboração conjunta do processo educativo. Afirmamos a autogestão como princípio e como prática da Economia Solidária, que se vivencia nos diferentes momentos e espaços, sendo o espaço educativo também seu lugar.

Enquanto referencial político, as bandeiras da Economia Solidária se somam a outras bandeiras dos demais movimentos e organizações populares: pela reforma agrária, luta das mulheres, campanha contra os agrotóxicos, pela ética na política, direitos humanos, reconhecimento dos povos e comunidades tradicionais, entre outras.

Fontes inspiradoras

- Educação popular: No Brasil, temos acesso a muitos escritos e práticas em educação popular, nos quais a partilha, o reconhecimento dos diferentes saberes e a leitura crítica do mundo são aspectos fundamentais no processo educativo. O estudo de Paulo Freire e de outros(as) educadores(as) desse campo são necessários para a nossa ação e reflexão.
- Contribuições sobre sistematização de experiências: as(os) educadoras(es) da Economia Solidária têm se apoiado em distintos métodos e instrumentos para sistematizar experiências. Entre os métodos, a proposta de Oscar Jara inspira diversos autores(as) e práticas de sistematização. O método sugerido por Elza Falkembach também está presente nas abordagens dos(as) educadores(as) da economia solidária. Na Região Sul, os coletivos de educadores(as) criaram o Trem da Sistematização, um método em elaboração que apresenta uma linguagem popular e usa da imagem do trem para favorecer a compreensão do processo de sistematização.

Métodos de sistematização: principais etapas

16

Oscar Jara

Ponto de partida: ter participado da experiência e ter o registro das experiências.

Perguntas iniciais:

- Para que queremos? (definir o objetivo)
- Que experiência(s) queremos sistematizar? (delimitar o objeto a ser sistematizado)
- Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (definir um eixo de sistematização)

Recuperação do processo vivido:

- Reconstruir a história
- Ordenar e classificar a informação

Reflexão de fundo: analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo

Pontos de chegada:

- Formular conclusões
- Comunicar a aprendizagem



Elza Falkembach

Preparação:

- aproximar os agentes
- caracterizar a experiência
- definir o foco da sistematização

Realização:

- aprofundar alguns conceitos
- organizar informações
- recuperar o processo
- avaliar a prática
- sintetizar as reflexões
- apresentar conclusões

Socialização e realimentação da prática: divulgação da sistematização.



Trem da Sistematização



Estação: elaboração do plano de sistematização.

Locomotiva: identificação do que mobiliza a sistematização, bem como agentes animadores do processo.

Trilhos: fundamentação teórica.

Vagões: resgate histórico da prática, definição do eixo e foco.

Destino/horizonte: reflexão em torno dos aprendizados gerados a partir da experiência sistematizada.

Diário de viagem: comunicar a sistematização em forma de produto(s).

Esses métodos favorecem as sistematizações das práticas em Economia Solidária. Coloca-se como nossa tarefa de educadores(as) divulgar e aprimorá-los, a partir da prática e reflexão, estas propostas.